

AUC - my

15 MAR 1987

15 MAR 1987

Um hábito civilizado

ANDRÉ BRETT

O uso da gravata, apesar de parecer para muitos um hábito sem importância, na realidade é fundamental, de acordo com os locais e os compromissos que se tem a cumprir. A gravata torna solene o local e a pessoa. Se dá importância a que ou a quem merece.

Alguns lugares exigem a gravata. O Congresso é um desses locais sagrados, onde a gravata é uma conseqüência natural de uso, e não uma questão de elitismo, como se poderia imaginar. Aliás, essa é uma fórmula muito simples de se procurar fugir do uso: é muito simplista dizer que a gravata é elitista.

Não é o caso; a gravata dá a medida da importância. No mundo dos negócios, a gravata é essencial. Em qualquer parte do planeta. Viagens seguidas ao exterior comprovam esse fato. Até na China se utiliza a gravata e mesmo o uniforme criado por Mao Tse-tung é fechado no pescoço. Na União Soviética a gravata é uma constante. Nos Estados Unidos também. O seu

Congresso inteiro usa a gravata. Em Portugal, a mesma coisa.

É um hábito civilizado. O Brasil é civilizado, por isso o uso da gravata é um hábito nas grandes cidades. Em São Paulo ou Rio de Janeiro o uso da gravata é um costume tradicional pelo povo. Para se comprovar isso, basta se andar pelas ruas centrais ou se entrar nos escritórios ou bancos.

O uso da gravata vem sendo combatido por uma minoria no País ao longo dos últimos anos. E é um combate que só tem tido um vencedor — a própria gravata. Vem ano e vai ano e ela continua sendo utilizada. A própria indústria é um indicador desse fato. Um indicador que mostra claramente a existência de um público para o seu uso no Brasil.

O uso da gravata é capaz até de deixar bem-vestida uma pessoa que está inadequadamente trajada. Isso ocorre com a transferência de um toque de classe e de responsabilidade para essa pessoa. O colarinho branco, tão famoso nos últimos tempos, ser-

ve como referência pejorativa a certo tipo de criminoso. Mas a gravata que vai dentro do colarinho não sofre referência alguma. Sua própria importância evita qualquer comentário depreciativo.

Uma tradição mundial e um hábito de civilizados que não será destruído ou simplesmente deixado de lado por uma minoria sem compostura. Não se pode admitir que a gravata entre em discussão no momento atual. Seu uso, por exemplo, no Congresso deve ser indiscutível e é preciso que a maioria seja respeitada. Não é possível que uma minoria implante o seu desejo sobre a maioria.

O ideal neste momento é que as pessoas mantenham sua seriedade em relação aos problemas do País. A gravata auxilia a manutenção dessa seriedade. E o Congresso é hoje o centro, pelo menos assim se espera, da seriedade, do trabalho e da responsabilidade. Viva a Constituinte com gravata.

André Brett é empresário e acionista da indústria de confecções Vila Romana.

Clima quente, pouca roupa

CARLITO MAIA

Des de 1965 não uso gravata. Porque sempre que usei senti um nó na garganta. E tenho motivos outros para viver com um nó em lugar tão incômodo. Aliás, nasci sem gravata como todo mundo e pretendo ser cremado nu, pois se nada trouxe comigo nada quero levar daqui.

Funcional é aquilo que elimina tudo o que é desnecessário. Gravata, por exemplo, é uma desnecessidade total. Para que aquele penduricalho caindo do pescoço da gente? Não uso nem relógio, algema do tempo, quanto mais gravata.

Sei de homens absolutamente dignos que jamais a envergaram. E de outros, bem ao contrário, que fazem questão de que elas sejam de seda e importadas. Se um dia se fizesse um levantamento de quem usa ou não usa gravata no Brasil, creio que não chegue a 10 por cento dos 135 milhões que somos. Lembro que as mulheres não as usam, apesar das calças compridas e outras peças do vestuário masculino que já adotaram. Homem de saia é travesti, mulher de calça comprida não é.

"Moro num país tropical, abençoado por Deus" diz a canção popular. Clima quente, pouca roupa. Quanto mais acessórios perfeitamente dispensáveis.

Uma vez fui chamado para receber uma medalha de "amigo do Corpo de Bombeiros de São Paulo". Dada a honra, compareci ao quartel deles sem gravata, obviamente porque — sem ela — eu havia ganho a sua amizade e a sua confiança. Pois não é que fui vetado? Estava sem gravata, não podia ser "amigo dos bombeiros", deve ter sido a conclusão do comandante. Fiquei sem jeito, não recebi a medalha. Porém, fui forçado a dizer que, se era a minha gravata que queriam homenagear, que tivessem me avisado e eu a teria mandado por um portador que a traria medalhada de volta para mim. Mas tive que dizer-lhes que em caso de incêndio, se porventura encontrassem alguém se queimando de gravata, que salvassem esse infeliz, também ele um ser humano.

Se o povo brasileiro estivesse corretamente representado nas casas das leis, que espécie de gente teríamos no Parlamento?

Sem ser negativista, acho que teríamos uma maioria de esfar-

rapados, de andrajosos e nus até.

Batalhei a vida inteira em busca não de glória ou fortuna, nem de sucesso ou prestígio. Meu objetivo na vida é merecer o respeito geral, com ou sem gravata. Creio ter alcançado um razoável respeito por mim, como ser humano, como cidadão, como profissional da comunicação.

E faz 22 anos que mandei pastar a vaca sagrada das gravatas. Um dia, tive de usar gravata, não me lembro por que, acho que era por ser eu padrinho de casamento de um amigo. "Pedrita", uma cocker spaniel que nos acompanhou por uma dúzia de anos, investiu contra mim estranhando a novidade. E Mariana, minha caçula, me perguntou, espantada: "Pai, o que foi que houve?"

Pois é: sou contra paletó e gravata, a menos que faça frio no caso do primeiro. No caso da última, nunca, jamais.

Por coincidência, tenho votado em gente sem paletó e gravata. Alguns não se elegeram, mas não há de ter sido pela falta dessa inutilidade.

Carlito Maia é homem de comunicação, Gerente da TV Globo em São Paulo.